

## **A GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM ATÉ**

*Christiana Lourenço Leal*  
[christiana1@hotmail.com](mailto:christiana1@hotmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

Os estudos lingüísticos mais recentes passaram a ser feitos a partir de uma abordagem que se baseia na língua em uso, ou seja, que estuda a língua como um processo e não como um conjunto de nomenclaturas e funções estanques. Assim, o estudo do discurso, como produto coletivo, tem ganhado cada vez mais espaço na análise lingüística.

Essa nova postura caracteriza, principalmente, o pensamento Funcionalista, segundo o qual os estudos lingüísticos devem ser baseados no uso, analisando-se, assim, não só as pressões do contexto de uso, mas também fatores sociais e interpessoais. Isso tudo se opõe diretamente à corrente Formalista de análise da língua, que privilegia o estudo da forma em detrimento do estudo da função.

A gramaticalização, um dos principais estudos de base funcionalista, é a base teórica deste trabalho, uma vez que a presente pesquisa nasceu da necessidade iminente de descrição de um item lingüístico a partir de seu uso. Então, tomando como base as principais teorias sobre gramaticalização, seus princípios e funções na língua, faz-se, neste estudo, uma análise do item *até* em seus diferentes usos e funções, de modo a comprovar que o item passa por uma escala de abstratização que caminha em direção ao discurso e à argumentatividade.

Há, na Língua Portuguesa, pelo menos três diferentes usos para o item *até*: 1º) o uso espacial, 2º) o uso temporal e 3º) o uso textual. Com base nestes usos, pretende-se comprovar a hipótese de que o item *até* vem sofrendo um processo de gramaticalização, sobretudo no que se refere aos princípios de Hopper (1991) e à teoria localista de Lyons (1970).

## MORFOSSINTAXE

A proposta de análise desenvolvida neste trabalho<sup>1</sup> baseia-se no estudo das diferentes etapas do *continuum* de gramaticalização (ESPAÇO > TEMPO > TEXTO) pelo qual o item passa, desde ocorrências mais concretas até as mais abstratas. Construiu-se, então, uma escala de abstratização pela qual passa o item *até*, objeto de estudo deste trabalho, observando uma aproximação cada vez maior da gramática com o discurso, através dos exemplos recolhidos dos *corpora* D&G/RJ (Projeto Discurso e Gramática) e NURC/RJ (Projeto Norma Culta Urbana).

### O QUE É GRAMATICALIZAÇÃO?

Os estudos sobre gramaticalização iniciam-se na China, no século X e se tornam mais significativos no século XVIII na França, com Condillac e Rousseau, e na Inglaterra, com Tooke. Posteriormente, vieram os estudos alemães, com Bopp e Humboldt, dentre outros e os estudos americanos, com Whitney, todos do século XIX (cf. Neves, 2004).

No entanto, foi através do trabalho de Meillet, no século XX, que a gramaticalização ganhou sua primeira definição: “*atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma*” (cf. Neves, 2004, p. 113).

Essa passagem de léxico para gramática se dá, sempre, através de um *continuum*, ou seja, não é repentinamente que ocorre a transformação, mas, sim, através dos usos em diferentes contextos e durante um período significativo de tempo. Assim, é evidente que se encontrará sempre uma fase de ambigüidade no processo, visto que há palavras ou expressões que, durante uma época, podem funcionar tanto como autônomas (lexicais), quanto como gramaticais, até que a segunda ocorrência sobreponha-se à primeira.

Após Meillet (1948), nada de muito importante foi alterado na teoria. Todavia, na década de 70, Givón (1971, *apud* Neves, 2004)

---

<sup>1</sup> A pesquisa aqui descrita constitui parte de minha dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulada “As funções do item *até*: um estudo sintático-argumentativo”.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

inicia um processo, cujo slogan é “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, isto é, o que hoje é, por exemplo, um afixo ou uma desinência, já foi item de encadeamento sintático no passado.

Mais adiante, tendo em vista o maior estudo sobre processos discursivos, Givón (1971, *apud* Neves, 2004), influenciado pelas crescentes pesquisas em pragmática, acrescenta que “A sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”, do qual se sugere um *continuum* de gramaticalização.

Segundo Hopper (1991), que rejeita a noção de gramática estável através do conceito de “gramática emergente”<sup>2</sup>, é gramaticalização qualquer transformação que ocorra em qualquer uma das etapas deste *continuum*. O processo que passa por todas as fases do *continuum* é apenas um caso prototípico, mas não indispensável.

Há, ainda, estudos sobre o fenômeno da *discursivização* que seria um “processo em que os elementos perdem função lexical e gramatical para ficar a serviço da organização da linha de raciocínio da fala” (cf. Martelotta, 1996, p. 261-262). Estes elementos passam a funcionar como *marcadores discursivos* que podem marcar uma retomada de raciocínio, uma pausa para reflexão sobre o que se vai dizer, enfim, são reorganizadores do discurso e preenchedores de pausa.

Possivelmente, quando o processo de gramaticalização tende a formar palavras que servem ao discurso, como os operadores argumentativos, por exemplo, a discursivização acaba acontecendo como consequência. Mais adiante, prova-se que este raciocínio se aplica ao fenômeno que se está estudando, ou seja, à gramaticalização do item *até*.

A gramaticalização é, portanto, a “investigação dos processos através dos quais um item lexical se transforma em um item gramatical ou, então, como um item gramatical se torna ainda mais gramatical” (cf. Naro & Braga, 2000).

---

<sup>2</sup> Na gramática emergente, segundo Hopper (1991), a estrutura origina-se do discurso e é moldada por ele; para o autor, não há gramática, há gramaticalização, isto é, cristalização das formas discursivas mais produtivas.

## MORFOSSINTAXE

A relação entre gramaticalização e gramática é outro ponto que merece atenção. Segundo Poggio (2002), a gramaticalização é vista como um processo de criação da gramática através da necessidade discursiva. Dessa forma, percebe-se que a gramaticalização é um processo de enriquecimento da gramática que, não estando pronta, recebe constantemente novos itens derivados de mecanismos funcionais, o que vai ao encontro da gramática emergente de Hopper (1991).

Poggio (2002, p. 61) ressalta que J Bybee & W. Pagliuca (1994) assinalam que, do sentido lexical, desenvolve-se o gramatical, *“através de um processo de generalização ou enfraquecimento semântico e um dos mecanismos usados é a extensão metafórica”*.

A metáfora parece ser, portanto, um dos mecanismos para que uma palavra ou uma construção deixe de ser autônoma e passe a gramatical. No fenômeno estudado neste trabalho, a metáfora é o principal componente, uma vez que a transferência de limite espacial para limite textual, promovida pela gramaticalização do item *até*, é devida a um enfraquecimento semântico do item original, com manutenção de algumas características.

De acordo com Castilho (1997), há um ritmo unidirecional nos processos de metáfora. Percebe-se um movimento que vai do sentido básico, mais concreto, discursivamente motivado, para sentidos derivados, mais abstratos, estruturalmente motivados. Na verdade, é importante observar que o processo de gramaticalização é caracterizado, simultaneamente, por perdas e ganhos semânticos, já que, ao mesmo tempo em que perde características funcionais e de significação da forma original, a forma gramaticalizada toma contornos próprios, adquirindo novas funções e novos sentidos.

A partir desse estudo sobre a metáfora na gramaticalização, surgem inúmeras pesquisas. Uma delas é a que resultou na teoria localista (cf. G Lakoff & M Johnson, 1980 e Lyons, 1970), segundo a qual a formação de novas estruturas lingüísticas parte de conceitos espaciais, ampliando-se para conceitos temporais e para outros ainda mais abstratos. Dessa forma, a gramaticalização seguiria a direção ESPAÇO > TEMPO > TEXTO.

O objeto desta pesquisa, o item *até*, é exemplo característico dessa teoria, pois originalmente tem significação de limite espacial, passa pela significação de limite temporal e pela de limite argumentativo, até chegar a uma perda total da noção de limite, quando se caracteriza como sendo um marcador discursivo.

### O ITEM *ATÉ* EM UMA ESCALA DE ABSTRATIZAÇÃO

Procura-se demonstrar, aqui, por meio de exemplos, que o item *até* se encaixa nas teorias que definem o mecanismo de gramaticalização, a fim de comprovar que a passagem de +concreto a +abstrato que o item sofre, sincronicamente, na Língua Portuguesa, é, de fato, um caso de gramaticalização de um elemento lingüístico.

As principais definições encontradas sobre o item *até* nos dicionários, dentre os quais destacamos Ferreira (1999) e Houaiss (2001) apontam que, enquanto preposição, o item pode indicar limite no tempo ou no espaço. Pode ser, ainda, classificado como advérbio, quando é sinônimo de *ainda*, *inclusive*, *mesmo* e *também*.

Parece claro, portanto, que a idéia de limite veiculada pelo item *até* perpassa todas as definições encontradas. Ainda que este limite passe do concreto (espaço e tempo) ao abstrato (texto), a idéia é mantida.

É importante frisar, também, que ambos os dicionários mostram que, ao mudar a significação, o item pode mudar sua classe gramatical e, conseqüentemente, suas propriedades funcionais, como, por exemplo, a mobilidade na sentença. Tanto Ferreira (1999) quanto Houaiss (2001), afirmam que o item *até* aparece primeiramente como sendo uma preposição e, posteriormente, quando utilizado em outros contextos, o mesmo item passa a ser classificado como um advérbio. Isso acontece porque, funcionalmente, um item pode mudar suas propriedades sintáticas devido a uma aplicação diferenciada no uso.

Essas definições de *até* são as mais recorrentes e dicionarizadas. No entanto, de acordo com a pesquisa efetuada, as significações do item *até* não param por aqui. Há um estágio ainda mais abstrato em que se percebe que ele funciona como um marcador discursivo,

## MORFOSSINTAXE

facilmente retirável do co-texto sem perda gramatical, e de significação praticamente vazia no contexto.

Com os exemplos que se mostram mais adiante, pretendeu-se confirmar a proposta da seguinte escala de abstratização:

+ concreto		+ abstrato	
-----/-----/-----/-----→			
Até espacial	Até temporal	Até textual	Até textual
(op. argum.)		(marc. discurs.)	

Nesta escala, optou-se por classificar o item de acordo com sua significação somada à sua aplicação no discurso. Sendo assim, as duas primeiras ocorrências são chamadas de “até espacial” e “até temporal”, pois o item funciona, nestes casos, como limitador de espaço e de tempo, respectivamente. Nos outros dois casos, o *até* existe em função do texto, por isso chamam-se essas ocorrências de “até textual”. Foi necessário, também, fazer uma diferenciação entre “até textual” operador argumentativo e marcador discursivo (noções que serão definidas detalhadamente mais adiante, quando se analisarem exemplos que se encaixam nesses dois últimos pontos da escala), devido à maior ou menor funcionalidade na argumentação.

Parte-se, agora, para a análise de alguns exemplos dos *corpora*, a fim de comprovar a existência da escala de abstratização antes proposta. Para tal, separam-se os exemplos em grupos, de acordo com a funcionalidade exercida por cada um dos casos.

### GRUPO I: ATÉ ESPACIAL

(1): Ele me pediu licença e disse vou *ATÉ* o portão e rápido... mais aí esse rápido estava ficando demorado... aí eu resolvi verificar e fui ao chegar lá o que vejo ele nos braços da outra aos beijos quando eu vi... (D&G, informante de CA supletivo)

Em (1), o item *até* é utilizado como uma preposição, de acordo com a classificação da GT, pois relaciona dois termos, subordinando-os (o verbo ir e o lugar – portão – limite até onde se vai). Esse uso é um dos mais comuns encontrados nesta pesquisa. A preposição encabeça um sintagma preposicional (“até o portão”) que funciona como adjunto adverbial de lugar, modificador direto do verbo.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(2): ... um monte de malandro aí do morro... aqui no morro de Parada de Lucas... foi e assaltou ela... levaram ela... bateram nela... levaram todo o dinheiro que ela tinha... depois... fizeram ela descer do ônibus... vir a pé ATÉ em casa... tomaram o sapato dela... (D&G, informante de CA supletivo)

Em (2), o uso de *até* é bastante parecido com o do primeiro exemplo. No entanto, há um caso particular, aqui: o uso de uma outra preposição (em), indicativa de lugar, logo após à também preposição *até*. Apesar dessa diferença, o item, neste exemplo, também veicula idéia espacial, indicando limite até onde se vai em um espaço. Observe-se, ainda, que o verbo que está sendo modificado pelo sintagma preposicional em função de adjunto adverbial (“até em casa”) é o mesmo: o verbo *vir*. A maior ocorrência de casos como estes ocorre com verbos de movimento como *ir*, *vir*, *andar* etc.

Baseando-nos nesses exemplos, bem como nos outros encontrados na pesquisa, observa-se que o uso espacial do *até* é o mais concreto de todos. Indica uma limitação concreta no espaço, na maioria das vezes, relacionada a verbos de movimento, ou seja, o *até* inicia os sintagmas que indicam onde o movimento representado pelo verbo parou.

### GRUPO II: ATÉ TEMPORAL

(3): ...faço instalação lá... a... a que eu gosta/ ATÉ hoje a que eu aprendi... sei fazer melhor... é a instalação de... de três pontos de luz com um interruptor de duas seções... faz várias emendas... né? (D&G, informante de segundo grau)

Em (3), a própria presença de um adjunto adverbial de tempo (“hoje”) evidencia o caráter temporal da sentença. O item *até* vem indicar um limite em relação a esse tempo. Na verdade, a expressão “até hoje”, é bastante usual em contextos em que se quer dizer que, desde algum tempo até o presente momento, ocorre (ou deixa de ocorrer) alguma ação. Da mesma forma que, no exemplo (3), o informante diz que o que ele aprendeu *até hoje* foi “a instalação de três pontos de luz com um interruptor de duas seções”; ele poderia ter dito que *até hoje* não aprendeu outra instalação que não essa. O uso de *até hoje*, em geral, mostra algo permanente que se vem tentando realizar e ainda não se conseguiu (“até hoje espero pelo seu telefone-

## MORFOSSINTAXE

ma”, “até hoje não aprendi a dançar tango”, “até hoje não esqueci aquela noite”...).

(4): ... depois lava... aí põe o óleo na frigideira... deixa ficar lá... um tempo... e depois põe a batata frita lá dentro... e espera... ATÉ ela ficar boa... (D&G, informante de segundo grau)

O exemplo (4) representa um tipo de texto em que é muito comum o uso do item *até* com idéia de limite temporal: a receita. Geralmente, no “modo de preparo” das receitas é muito fácil encontrar idéias de limite, ou seja, até quando se deve realizar um procedimento e o momento de passar para outro. A principal diferença deste uso é que o *até* encabeça uma oração reduzida de infinitivo (“até ela ficar boa”), mostrando que a preposição pode funcionar como conector oracional.

### GRUPO III: *ATÉ* TEXTUAL – OPERADOR ARGUMENTATIVO

Nos exemplos deste grupo, inserem-se todas as ocorrências de *até* como estratégia argumentativa, isto é, aquelas que chamam a atenção do interlocutor para as intenções comunicativas do produtor do discurso.

Segundo Martelotta (1996, p. 194), “operadores argumentativos são elementos que, além de desempenhar funções de caráter basicamente gramatical, dão uma orientação argumentativa ao discurso”. De acordo com Anscombe & Ducrot (1976), alguns dos principais autores da Semântica Argumentativa, os operadores argumentativos são elementos gramaticais que têm como função indicar a força argumentativa dos enunciados e a direção que devem tomar, bem como encadeá-los, formando textos. Sendo assim, eles constituem uma relação direta entre a língua e o discurso, uma vez que são elementos gramaticais que funcionam como orientadores discursivos.

Dentre os exemplos de *até* - operador argumentativo, os mais frequentes são os casos em que a preposição *até* passa a funcionar como o que Koch (2003, p. 31) classifica como “operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala de orientação no sentido de determinada conclusão”. A autora exemplifica este grupo com *até*, *inclusive*, *mesmo* e *até mesmo*.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(5): ...porque o cara não define um plano... econômico pro país... depois... isso é muito ruim... porque se tivesse um plano já definido... ATÉ investimentos estrangeiros podiam vir pro:... pro Brasil... né? (...) as pessoas preferem investir ATÉ na África... pô... no/ na Ásia do que investir no Brasil... (D&G, informante de terceiro grau)

Em (5), a idéia que se quer transmitir é de que *mesmo* investimentos estrangeiros, que não vêm de forma fácil, poderiam chegar ao Brasil, caso tivéssemos um plano econômico. Assim, o Brasil seria bastante beneficiado ao criar um plano econômico, tanto que *até* investimentos estrangeiros apareceriam.

Ainda no mesmo exemplo, mostra-se que *mesmo* um continente como a África, cuja “imagem” é inferior à do Brasil em diversos aspectos, acaba recebendo mais investimentos estrangeiros que o Brasil. Através dessa contra-expectativa, o informante defende sua idéia de que a criação de um plano econômico seria realmente vantajosa para o Brasil, tendo em vista que utiliza idéias limites em sua argumentação.

(6): ...sabe? pra você ter um segundo grau... você vê por aí que quase não tem vagas... eles não estão dando prioridade... o ensino está horrível... pela greve que estão/ e... e... pela greve que eles fazem... né? e:: ATÉ mesmo pra você entrar numa faculdade hoje em dia tá? você tem que disputar com muita gente são... são pouquíssimas faculdades pra muita gente que quer fazer... (D&G, informante do segundo grau)

A tese que se pretende defender no exemplo (6) é a questão da precariedade do ensino. Como argumentos, o falante vai citando uma série de exemplos como a greve, o descaso governamental, etc. Além desses todos, ele cita que *até* para entrar em uma faculdade atualmente há problemas.

Portanto, para ele, não deveria haver problemas para ingressar no nível superior e, diante de tantos outros empecilhos para o bom ensino, este parece ser o mais absurdo, tanto que ele usa o grupo “até mesmo” iniciando-o. Dessa forma, o fato de que a disputa pelo ensino superior tem sido violenta, na opinião do informante, é um exemplo máximo da caracterização de que há problemas com o ensino.

O uso de *até* como operador argumentativo é diretamente proveniente de um processo metafórico ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, previsto por Heine *et alli* (1991), em que o item argumenta-

## MORFOSSINTAXE

tivo, de modo análogo, ainda mantém propriedades dos itens espacial e temporal.

Assim, conclui-se que o grupo III abarca os usos do item *até* presentes em textos argumentativos, nos quais se pretende defender uma posição. A hipótese que se defende aqui é a de que o aparecimento desse item se justifica em textos como esse, justamente pela idéia de limite que ainda carrega do “*até* espacial”.

Ao indicar um limite na argumentação, o item *até* acaba iniciando o argumento considerado mais forte pelo falante. É como uma “cartada final” na linha da argumentação. O falante vai citando seus argumentos que justificam sua tese até que apresenta o último deles, o mais forte e relevante para que se chegue à sua conclusão.

Justamente por se tratar de um caso de gramaticalização, ao passar pelo *continuum*, a transferência de um valor de *até* para outro não se dá de maneira imediata. Há, entre as fases, estágios de ambigüidade entre os usos, que justificam que o estudo em questão seja chamado de gramaticalização.

(7): eh... uma certa vez eu... estava saindo do... do banheiro... enrolado na toalha... estava ATÉ meio molhado ainda... né? aí... tranquei a porta do quarto da... da minha mãe... (D&G, informante de segundo grau)

Em (7), mesmo que seja possível substituir o *até* por *inclusive*, que é uma das principais características dos exemplos do grupo III, parece claro que o item *até* serve muito mais como um reforço na fala do informante do que propriamente como um indicador de limite de argumentação. Dessa forma, dizer “estava *até* meio molhada” e “estava meio molhada” não chega a significar uma diferença no processo de argumentação.

Há, é claro, uma interpretação que faz com que seja possível classificar esse *até* como operador argumentativo: o emissor estava mesmo acabando de tomar banho, pois estava inclusive ainda meio molhado. Assim, o item *até* poderia funcionar como o indicador de um argumento que confirme o que se vinha falando. Parece, no entanto, que esta interpretação depende de tantos fatores externos ao texto que é melhor analisar o exemplo (7) como um caso intermediário entre os grupos III e IV. Esta análise é perfeitamente plausível,

uma vez que a gramaticalização prevê estágios intermediários no *continuum* do processo.

#### GRUPO IV: ATÉ TEXTUAL – MARCADOR DISCURSIVO

A principal característica dos exemplos que constam no grupo IV é a possível retirada do item *até* das sentenças de que faz parte, sem prejuízo para o entendimento do interlocutor. Sua ausência não causaria prejuízo na argumentação, já que não faz substancial diferença na interpretação do discurso.

Os exemplos deste grupo apontam para uma discursivização do item *até*, pois as idéias de inclusão e de limite encontram-se totalmente esvaziadas.

Segundo Martelotta (1996, p. 195), tanto operadores argumentativos quanto marcadores discursivos operam no nível do discurso. Para ele, qualquer elemento de função textual cumpre sempre uma função orientadora da interação. O que os diferencia é que os marcadores discursivos “*estão mais ligados ao processo da discursivização, uma vez que assumem funções mais voltadas para a orientação da interação*”.

Ex. (8): também não... de... ATÉ... eu venho do cedo pra cidade né? eu quase... eu chego na cidade sete horas né? (NURC-RJ, inquérito d2-296)

Considera-se, nesta pesquisa, que este caso faz parte do último estágio do processo de abstratização do item *até*. Parece mais correto afirmar, neste ponto, que este estágio final representa um processo de discursivização, tendo em vista que, agora, o item *até* funciona como encadeador discursivo e não resta a ele mais nenhuma significação que estava presente nas suas outras ocorrências.

#### CONCLUSÃO

Deseja-se que, com este trabalho, tenha ficado claro que, de acordo com os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), bom como segundo a teoria localista de Lyons (1970), por mais de uma evidência, pode-se tratar a questão da abstratização do item *até* como um caso de gramaticalização.

## MORFOSSINTAXE

Além disso, pretendeu-se provar que os estudos sobre gramaticalização contribuem para uma análise lingüística real, visto que a gramaticalização é um processo que reflete o uso lingüístico.

Dessa forma, acredita-se que este trabalho, bem como a dissertação de mestrado que se desenvolveu a partir dele, contribuam para os estudos lingüísticos, inclusive no que diz respeito às questões de ensino.

## BIBLIOGRAFIA

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. **In.**: *Estudos lingüísticos e literários*, 19. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFBA, 1997, p. 25-64.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio do século XXI - O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIVÓN, *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization – A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. **In.**: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard D. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 575-601.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. **In.**: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds) *Approaches to grammaticalization*. v.1. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística – uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.

MARTELOTTA, M., VOTRE, S., CESÁRIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NARO, A. J. & BRAGA, M. L. A interface sociolingüística/gramaticalização. *Revista Gragoatá*, nº 9, p. 125-134, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.